

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

O estudo das cidades através dos sons: Do sensível e sua relação entre cotidiano e a prática científica.

Renata Silva Machado.

Cita:

Renata Silva Machado (2009). *O estudo das cidades através dos sons: Do sensível e sua relação entre cotidiano e a prática científica*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/113>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O estudo das cidades através dos sons:

Do sensível e sua relação entre cotidiano e a prática científica¹

Renata Silva Machado

Socióloga, mestranda em Planejamento Urbano e Regional

UFRGS, Brasil

machado.renas@gmail.com

Tanto na experiência banal quanto na científica, o conteúdo da noção cidade é parcialmente acessado e adquirido através da vivência de componentes sensíveis.² Através da audição, da gustação, do tato, da visão, da olfação e de sinestésias destes recursos sensitivos partes da cidade são experienciadas, fruídas. Nesta perspectiva é situado o mote do presente artigo, de apresentar os sons como possível entrada analítica para o estudo da cidade.

Sons da cidade podem ser considerados tema incomum dentre os estudos produzidos nas diferentes áreas que tem a cidade como objeto do conhecimento. Sendo que, nos poucos estudos localizados³, identifica-se tendência em por em destaque os efeitos perturbantes dos sons da cidade sobre o espaço e os indivíduos. Poluição sonora, ruído do tráfego, são exemplos da abordagem aos sons da cidade como problema social.

¹ Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa “Sons da cidade na área Planejamento Urbano e Regional” vinculada a realização de Mestrado Acadêmico em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS), desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Eber Pires Marzulo.

² Sensíveis no sentido de seres realizadas através dos sentidos da audição, da gustação, do tato, da visão, da olfação.

³ Foi realizada breve pesquisa exploratória buscando verificar a recorrência do tema sons da cidade na literatura acadêmica brasileira de áreas do conhecimento voltadas ao estudo das questões urbanas.

Portanto, partindo do entendimento dos sons como elementos constitutivos da experiência cotidiana na cidade, e tendo em vista que quando estudados os sons da cidade costumam ser focalizados desde seus efeitos negativos, o presente artigo busca destacar os sentidos como fontes de conteúdo à experiência cotidiana na e da cidade. Discutindo teoricamente possibilidades de utilização dos sons em pesquisas para além de seus efeitos nocivos. E, destacando a atuação dos sons enquanto experiência sensível constitutiva dos processos de subjetivação na cidade.

Para tanto, serão tratados neste texto primeiramente os sons da cidade, seguido de reflexão sobre a escuta e a percepção dos sons, sendo apontados alguns tópicos referentes à transposição dos sons - e de certa forma das experiências sensíveis - da vida cotidiana para a prática científica.

1. Sons da Cidade

Os sons da cidade assim o são nomeados não somente por serem produzidos e projetados neste lugar, mas também por serem escutados, percebidos, significados neste espaço. Na literatura acadêmica os sons da cidade são tratados sob diferentes nomenclaturas⁴ sendo referidos como: paisagens sonoras, ruídos, sons e música.

São relacionais os sentidos atribuídos pelas pessoas aos sons da cidade. Segundo Martin (1995), o ambiente acústico é integrado por uma sucessão constante de sons literalmente sem sentidos. Isto não implica em incompatibilidade entre sons e sentidos, o que ocorre é que são as pessoas que conferem sentidos aos sons. Seja atribuindo-lhes características emotivas - sons de felicidade... sons melancólicos -, seja vinculando-os à locais - som da praia -, atividades - sons do trabalho -, ou ainda atribuindo-lhes valores - barulho do trânsito. Na vida cotidiana ao experienciar sensivelmente os sons da cidade os indivíduos atribuem sentidos a estes, e assim, os sons que percebem passam a integrar e atuar na significação das suas trajetórias. Propõe-se pensar a escuta dos sons da cidade e a atribuição de sentido a estes sons como práticas cotidianas que, como o conjunto destas, constituem fazeres sociais. Pois mesmo ações mais individuais dialogam (não necessariamente no sentido de aderir) se não com conhecimentos prévios ao menos com a contextualização espaço-temporal das mesmas.

Segundo Wisnik, a noção som e sentidos atribuídos a esta noção são construídos no escopo da cultura.

⁴ Conforme apresentado no item 2 deste projeto onde podem ser encontradas referências aos autores de cada enfoque aos sons.

Enquanto experiência do mundo em seu caráter intrinsecamente ondulatório, o som projeta o limiar do sentido na medida da sua estabilidade e instabilidade relativas. Este sentido é vazado de historicidade – não há nenhuma medida absoluta para o grau de estabilidade e instabilidade do som, que é sempre produção e interpretação de culturas. (2006, p.30).

A partir das reflexões de Wisnik e Martin é reiterada a inexistência de uma associação lógica ou natural entre o som e o sentido. Pois, para ambos, a instauração de sentidos referentes aos sons não pode se dar se não em relação ao seu contexto.

Toma-se como exemplo da inexistência de sentido intrínseco ao som o caso dos sons de carro que em uma corrida de Fórmula 1 podem ser escutados como prazerosos, mas que no caso do tráfego urbano podem ser escutados como incomodo. Ainda nesta direção, a escuta do canto de um mesmo pássaro pode tanto conduzir à plenitude do contato com a natureza no ambiente urbano quanto à plena irritação quando se quer dormir ou estudar. Destes dois exemplos sublinha-se que, primeiro, as fontes sonoras na cidade são múltiplas, segundo, que os limites físicos que separam o privado do público – como as paredes de uma casa – não são barreiras para os sons da mesma forma como o são para a visão do que se passa no interior/exterior das paredes⁵.

As idéias expostas até este ponto conduzem à delimitação da experiência humana marcada pela ininterrupta companhia dos sons. O deslocamento das pessoas no ambiente urbano é exemplo de fonte de produção de sons: passos em uma calçada, alarmes e motores e buzinas e freiadas de carros, músicas cantadas e escutadas em auto-falantes ou fones de ouvido, rangido do metrô nos trilhos, aviões, pingos da chuva, pássaros, vento, ondas do mar, *cooler* do computador, telefones, falas, respirações...

Além da presença constante de múltiplos sons na cidade, sublinha-se o papel destes na apreensão do espaço. Em outras palavras, o que está sendo proposto é que através da escuta dos sons de um determinado lugar é possível a construção de um dimensionamento do espaço em questão, assim como é possível através do olhar especular sobre a dimensão e as características de um certo espaço. E este dimensionamento pode ser pensado tanto na dimensão da prática cotidiana – ou

⁵ Este exemplo restringe-se as paredes de casas e apartamentos que não foram submetidas a tratamento de isolamento acústico.

seja, como ação corriqueira na vida das pessoas na cidade, quanto como procedimento para conhecer cientificamente certo espaço e práticas efetivadas neste.

2. A Escuta na Cidade

Segundo Simmel (1967), na modernidade urbana, a conexão entre a vida social e o mundo material sofre grandes transformações, motivadas pelo emprego do dinheiro enquanto elemento nivelador. Da intensidade de estímulos nervosos característica da cidade e do papel desempenhado pelo dinheiro enquanto nivelador emerge a atitude blasé.

A essência da atitude blasé consiste no embotamento do poder de discriminar. Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa blasé num tom uniformemente plano e fosco; objeto algum merece preferência sobre o outro. Esse estado de ânimo é o fiel reflexo subjetivo da economia do dinheiro completamente interiorizada. (SIMMEL, 1967, p. 18).

A atitude blasé, que tem nas grandes cidades sua localização genuína, ao assentar-se na presença quantitativamente intensa de estímulos nervosos (em oposição à vida na pequena cidade), e ao carregar como essência o “embotamento do poder de discriminar” (SIMMEL, 1967, p.18) constitui-se em noção cara para a compreensão da percepção dos sons oriundos da cidade. Através da consideração da atitude blasé tomada como resposta dos indivíduos à densidade de possibilidades relacionais no ambiente urbano aliada a características singulares da escuta procura-se ressaltar a dimensão sonora enquanto constituinte inseparável e significativa da vida na cidade.

Quanto às singularidades da escuta como maneira de vivenciar, construir e significar realidades, e, acerca da especificidade do sentido da audição, Schafer salienta que:

O sentido da audição não pode ser desligado a vontade. Não existem pálpebras auditivas.(...) A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis. (2001, p.29).

Propõe-se então, falar da escuta como um sentido receptor de uma grande densidade de estímulos, aos quais muitas vezes as pessoas mostram-se indiferentes. Isto se evidencia, nos casos em que mesmo em ambientes sujeitos a toda sorte de ruídos, num bar, por exemplo, as pessoas utilizem suas capacidades de focarem-se em apenas alguns destes, como na situação de uma conversa. A focalização necessária para a escuta de apenas algumas sonoridades constituidoras de determinada situação social implica na discriminação de outros tantos sons.

Ao considerar sonoridades como integrantes do dia-a-dia, e, a audição enquanto possibilidade de efetivar a experiência urbana é possível conceber a escuta como prática cotidiana (CERTEAU, 1994). Desta maneira, as pálpebras auditivas psicológicas pensadas por Schafer (2001) caracterizam-se como atitude blasé performatizada através prática cotidiana da escuta. Ou seja, estas possibilitam que as pessoas ajam de maneira seletiva frente aos muitos estímulos sonoros que produzem e aos quais estão expostas.

3. A Escuta da Cidade

Entendendo a audição como sentido marcado pela performatização da atitude blasé que conduz por um lado à escuta de alguns sons da cidade e por outro, à não-escuta de um conjunto de outros sons, e assumindo que esta equação não esgota a compreensão das relações entre sons-cidade-cotidiano, apresenta-se a seguir exemplo ilustrativo da participação da escuta em relação ao olhar na apreensão do espaço.

Antes de entrar no exemplo propriamente, ressalta-se que ao olhar, ou à dimensão visual, costuma-se atribuir papel destacado na experiência contemporânea. Sendo que, no que tange a prática científica, identifica-se que recursos visuais tem sido empregados como caminhos para conhecer, num movimento ainda em expansão na ciência, que enfatiza que a imagem visual vai além da ilustração de um fenômeno.



A partir desta fotografia⁶, imagem-parada, podem-se dizer algumas informações. Trata-se de uma igreja, com pé direito alto, iluminação natural... pode-se ainda, partindo da imagem, dizer sobre elementos externos a ela: por exemplo, a partir da relação de proporção entre a mulher que aparece na foto – pequenina – e o tamanho da construção – imensa, é reiterada a imponência da igreja-deus sobre o homem. No entanto, se for buscada a composição sonora deste lugar apreendido pela fotografia, logo chega-se a constatação de que a imagem visual não contém tal informação. Mas que, mesmo sem conter esta informação é possível incitar quem vê a imagem a imaginar sons correspondentes, buscando estes nas lembranças de vivências anteriores. A partir da escuta da gravação dos sons de um lugar, o que corresponderia a uma fotografia do som, sustenta-se que é possível o mesmo movimento de dizer sobre este espaço e reafirma-se que parte da experiência empírica dos espaços é realizada através da escuta destes.

⁶ Fotografia da Catedral Metropolitana de Porto Alegre de autoria de Omar Junior disponível no website <http://www.omarjunior.com/>.

Reconhecendo a premência de demonstração mais sistemática das sugestões expostas anteriormente, pontua-se que, é a partir destas que torna-se possível o estranhamento do lugar dos sons na prática científica. Permitindo assim o questionamento de por que os sons são notadamente menos explorados - como dados de pesquisa e objetos do conhecimento – do que a imagens visuais (fotografia, audiovisuais)? Uma vez que sons também constituem, de forma mais específica, a apreensão dos espaços e, de maneira mais generalizada, a experiência humana.

4. Apontamentos

Quanto à constatação de que sons não constituem-se como tema de destaque no estudo da cidade e que, quando tratados costumam o ser como negatividades, como ruído gerador de interferências, perturbações, sugere-se que a capacidade dos indivíduos de agir seletivamente em relação aos sons na vida cotidiana atua na prática científica. Conduzindo desta forma à abordagem parcial dos sons – deixando de lado, por exemplo, o entendimento destes como elementos estimuladores, produtores de subjetividades – apresentando-se assim, como forma de obstáculo epistemológico.

Partindo da escuta da variedade de sons projetados nas diversas situações e indagando sobre a atuação destes sons no cotidiano na cidade propõe-se o entendimento de que os sons e a escuta são aspectos relevantes dos processos de reconhecimento do espaço da cidade. E ainda, mesmo sendo a escuta e – de certa maneira, o ato de atribuição de sentidos – atividades efetivadas individualmente, elas remetem às sociabilidades urbanas e aos processos de estabelecimento e re-estabelecimento destas.

Quando os sons da cidade são ouvidos pelas pessoas, outras experiências sensíveis estão sendo simultaneamente vivenciadas. No entanto, a audição é definida como um sentido que permite a apreciação de um tipo de estímulo específico, que são as ondas sonoras. Logo, a percepção da onda sonora constitui-se como uma forma *sui generis* de fruir o mundo, a qual podem associar-se outros componentes sensíveis – por exemplo visuais ou olfativos. No entanto, reitera-se que mesmo frente à possibilidade de sinestesia, cada um dos sentidos apresenta-se um percurso que conduz à apreensão de diferentes aspectos do espaço urbano. Ainda neste sentido, pode-se dizer que assim como o que é visual se captura com o olhar, o que é sonoro se captura com a escuta.

O estudo da cidade através dos sons passa a ser plausível uma vez reconhecido que parte da experiência cotidiana da cidade é sonora. Desta maneira, seria possível tanto o estudo dos espaços

através do conhecimento de como as pessoas escutam um lugar, quanto o estudo de um espaço e das práticas efetivadas neste a partir da escuta deste mesmo espaço pelo pesquisador. Tendo em vista que o procedimento para conhecer a cidade a partir de seus sons implica na delimitação de metodologia para escuta ou para o estudo da escuta de um lugar, a continuidade deste trabalho aponta para reflexão sobre a documentação, registro e apresentação do conhecimento construído através estudo com sons.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: vol.1 - artes do fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, p. 169-217.
- MARTIN, Peter J. Sounds and Society: Themes in the sociology of music. New York: Manchester University Press, 1995.
- SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. São Paulo: Fundação Editora da Unesp 2001.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: O fenômeno urbano. Guilherme Otavio Velho (org). Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- WISNIK, José Miguel. O som e o Sentido: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.